


QUESTÕES ACERCA DA CONCORDÂNCIA NOMINAL NA VARIEDADE DE PORTUGUÊS FALADA POR MULHERES MAZAGANENSES DO CARVÃO

QUESTIONS ABOUT NOMINAL AGREEMENT IN THE VARIETY OF PORTUGUESE SPOKEN BY WOMEN FROM MAZAGANESE OF CARVÃO

Amanda Montserrat Herrera de Souza 

Edna dos Santos Oliveira 

RESUMO

O presente trabalho busca descrever a variedade linguística de português falada na comunidade rural do Carvão/AP, com recorte do grupo de mulheres. Para este estudo, observamos aspectos da concordância de número no Sintagma Nominal, doravante SN, com base nos pressupostos teórico-metodológicos de Labov (2008 [1976]), Lucchesi (2009), Silva (2019) e Oliveira et al (2015). A abordagem é de natureza qualitativa, compreendendo, assim, a coleta de dados por intermédio de entrevistas para a realização de breve descrição do funcionamento do SN na variedade de Português Brasileiro (PB) falada pelas mulheres da comunidade do Carvão. A pesquisa foi realizada com base na fala de 08 informantes do sexo feminino, divididas em três células de idade (20 a 40 anos, 41 a 60 anos e mais de 60 anos). Os resultados da análise revelaram tendência ao desfavorecimento da aplicação das normas de concordância nominal.

PALAVRAS-CHAVE: Mulheres. Carvão. Variação linguística. Concordância de número.

ABSTRACT

The present work seeks to describe the linguistic variety of Portuguese spoken in the rural community of Carvão/AP, with a focus on the group of women. For this study, we observed aspects of number agreement in the Noun Phrase, henceforth SN, based on the theoretical-methodological assumptions of Labov (2008 [1976]), Lucchesi (2009), Silva (2019) and Oliveira et al (2015). The approach is of a qualitative nature, comprising, therefore, the collection of data through interviews for the accomplishment of a brief description of the functioning of the SN in the variety of Brazilian Portuguese (BP) spoken by the women of the community of Carvão. The research was carried out based on the speech of 08 female informants, divided into three age cells (20 to 40 years old, 41 to 60 years old and over 60 years old). The results of the analysis revealed a tendency to disfavor the application of nominal agreement rules.

KEYWORDS: Women. Carvão. Linguistic variation. Number concordance.

INTRODUÇÃO

O presente artigo dirige seu foco para o falar das mulheres afrodescentes, de área rural, que exercem relevante função na dinâmica cultural e nas atividades da vida diária do distrito do Carvão. São mulheres que mantêm viva a festividade religiosa de São Tomé, que cuidam da roça e da casa, cumprindo, assim, diferentes papéis sociais na comunidade. A história e o perfil desse distrito despertaram nosso interesse em realizar estudo da variedade de português utilizada naquela comunidade, com recorte da fala feminina. Observamos não haver estudos linguísticos acerca dessa variedade, tampouco identificamos documentos escritos ou qualquer outra forma de registro do vernáculo ali falado que pudessem contribuir para os nossos estudos.

Buscando observar a correlação entre língua e sociedade, nosso objetivo é realizar estudo preliminar da concordância nominal na fala de mulheres mazaganenses do Distrito do Carvão. Para isso, realizamos levantamento de aspectos da história social da comunidade e, em pesquisa etnográfica, buscamos informações sobre o modo de vida no distrito.

A investigação de aspectos linguísticos de um grupo social feminino, de área rural e afrodescendente, com utilização de metodologia etnográfica, situa o estudo no campo da Sociolinguística.

Adotamos a abordagem de cunho descritivo, levando em conta aspectos sócio-históricos constitutivos da comunidade e, para descrição da variedade local, observamos aspectos sintáticos, dentre os quais a concordância nominal de número no interior do Sintagma Nominal - SN, em amostra de 08 entrevistadas do sexo feminino, estratificadas em três faixas etárias.

Compilando as proposições de Lucchesi (2009) do português afro-brasileiro; de Oliveira et al. (2015) do português afro-indígena; de Oliveira (2015) sobre a dispersão de elementos socioculturais e linguísticos no Amapá, este estudo interessa-se por descrever aspectos da variedade linguística do Carvão, com foco no falar feminino, através da abordagem sociolinguística, levando em consideração, também, a sócio-história da Amazônia (VIDAL, 2008).

1 REVISÃO DA LITERATURA

Admitimos as proposições de Labov (2008) ao assumir a língua como fenômeno social e considerar intrínsecas a ela a variação e a mudança. No âmbito da variação adota-se o pressuposto de que na língua é comum que haja “diversas maneiras alternativas de dizer ‘a mesma coisa’” (LABOV, 2008, p. 221).

Sendo variantes linguísticas as diversas maneiras de produzir o mesmo enunciado, em um mesmo contexto e com o mesmo valor de verdade, admitimos a marcação do plural no sintagma nominal enquanto variável linguística, visualizando a presença de duas maneiras de conceber as variantes, sendo (i) a presença do fonema /s/, e (ii) a ausência do mesmo, ou seja, a forma “zero”(TARALLO, 1986). De acordo com Tarallo (1986), o plural no português é marcado ao longo do SN (determinante, núcleo e modificadores-adjetivos). Com isso, haverá falantes que fazem uso da variável pautada na norma padrão: aqueles que a obedecem parcialmente; e os que utilizam a variante não-padrão.

Sabemos que a heterogeneidade é uma característica inerente às línguas naturais, no entanto, a realidade do PB se mostra mais do que variável. A realidade linguística do português brasileiro é polarizada (ANTONINO, 2015), com a coexistência de variedades cultas, em um extremo, e de variedades populares, em outro. Dentre as diferenças que marcam o PB, podemos citar a “variação na concordância nominal, fenômeno que afeta os dois extremos sociais, mas que ocorre com mais intensidade na variedade popular, em que é muito frequente o apagamento da marca nominal de número” (ANTONINO, 2015, p. 53).

Para melhor entendimento da variação do português brasileiro é importante levar em consideração a noção de contínuo de urbanização, como propõe Bortoni-Ricardo (2018). Segundo a referida autora, em uma das pontas dessa linha “estão situados os falares rurais mais isolados; na outra ponta, estão os falares urbanos” (BORTONI-RICARDO, 2018, p. 52). Se levarmos em consideração o contínuo de urbanização, torna-se relevante considerar a região em que o falante nasceu e/ou vive, para descrição da variedade de PB.

“O Amapá, como qualquer outro estado brasileiro, possui também sua diversidade cultural e linguística marcada pela influência de culturas africanas, indígenas e europeias” (SANCHES, 2020, p. 11). A dinâmica heterogênea do

Amapá é reflexo dos processos que o constituíram. Destacamos que, desde o período colonial, houve um intenso movimento de migração nas terras que hoje ocupam a região do interior do Amapá, favorecendo, assim, as formações híbridas, a propagação de hábitos, tradições e crenças (OLIVEIRA, 2015, p. 21). Evidenciamos que o contexto de formação do Amapá é um aspecto relevante para essa pesquisa centralizada na sociolinguística, uma vez que:

Sabemos que a dinâmica dos povos que transitam em uma sociedade traz consequências significativas para os usos linguísticos, pois não se pode esquecer que olhar a língua é, antes de tudo, examinar a sociedade na qual ela está inserida, ressaltando nesse processo os diversos fenômenos linguísticos que emergem, dado o dinamismo vivenciado pelas sociedades em que ela circula (RIBEIRO, 2019, p. 17).

É nesse cenário dinâmico de constituição social, marcado pela pluralidade étnica e linguística, que damos ênfase ao quantitativo significativo de comunidades afrodescendentes, presentes no Amapá, que guardam e perpetuam a identidade cultural do Estado (OLIVEIRA, 2015). A necessidade de estudar e identificar traços que caracterizam a variedade de português usada nessas comunidades motivou a realização desta pesquisa. Por essa razão, escolhemos a comunidade rural do Carvão, uma vez que as comunidades rurais são depositárias de variedades do português, ainda pouco conhecidas.

Nesse cenário sociocultural, encontra-se a comunidade rural do Carvão, localizada ao sul do Estado do Amapá, distante 45,2 quilômetros de Macapá, a capital do Estado. Banhado pelo rio Mutuacá, o Distrito foi oficialmente fundado em 23 de março de 1978, mas sua história tem início ainda no período colonial do Brasil, quando negros escravizados, fugidos de Mazagão Velho, comunidade adjacente ao município, refugiaram-se nesta região, marcando, assim, a chegada da primeira família ao Distrito.

Durante muitos anos, a população do Carvão atuou no cultivo de alimentos, tendo em vista que a principal atividade profissional estava baseada na agricultura familiar. Embora a prática de cultivo tenha perdido seu papel fundamental na dinâmica de produção econômica do Distrito, os moradores permanecem com a realização de manifestações culturais que fazem alusão à agricultura. Um exemplo disso é a festa de São Tomé, que ocorre anualmente na comunidade. Em princípio, essa manifestação cultural ocorria com o objetivo de agradecer ao padroeiro dos agricultores, São Tomé, pela boa colheita.

Além da manifestação destacada, outras manifestações culturais e religiosas constituem o eixo de manifestações tradicionais da comunidade. Nesta seara, temos as festas de Nossa Senhora da Piedade e Nossa Senhora da Conceição, que, assim como a de São Tomé, ocorrem anualmente. As duas possuem incidência de batuque¹ e marabaixo², respectivamente, enquanto a de São Tomé se destaca pelo Sairé³.

Tendo grande relevância o cenário sociocultural híbrido de elementos indígenas e africanos, lançamos mão do conceito de português afro-indígena (OLIVEIRA et al, 2015, p. 2), uma vez que este tem sido aplicado às pesquisas na região da Amazônia brasileira. A admissão desse conceito contribui para valorizar e reconhecer a participação de todos que estabeleceram contatos, sem qualquer distinção ou valor de superioridade, no desenvolvimento cultural, social, histórico e linguístico da comunidade.

Assim sendo, ao assumirmos a ideia da constituição híbrida no contexto sócio-histórico do Amapá, trabalharemos com a noção de português afro-indígena, conceito que se aplica a contextos onde:

As variedades de português popular faladas no Brasil em comunidades rurais afro-brasileiras conservam especificidades etnolinguísticas e que "se localizam" dentro de um continuum de variedades de português brasileiro [+marcadas], como o português afro-brasileiro e o indígena (CAMPOS, 2014, p. 45).

De acordo com Oliveira e Silva (2013 apud Oliveira 2015, p. 161), nas comunidades afro-indígenas, as festas de sincretismo religioso indicam um aspecto característico de natureza etnográfica. Logo, podemos identificar na Comunidade rural do Carvão a "Festa de São Tomé", uma das três festas tradicionais, onde se observa o traço de ordem essencialmente religiosa.

Além da característica de "português L1", o português afro-indígena atesta as seguintes outras características: (i) festas de sincretismo religioso que se subdividem em dois subtipos: (a) subtipo "ladainhas" ("Jurussaca"); (b) subtipo "torém/torén" ("Almofada/ Tremembé"); (ii) linguagens cerimoniais (ex.: ladainhas; a música cantada na dança do torém/torén) (CAMPOS, 2014, p. 58 apud OLIVEIRA, 2015).

¹ Reúne canto, percussão, dança circular.

² O Marabaixo é expressão cultural de devoção e resistência formado nas tradições, na organização e na identificação cultural entre as comunidades negras do Amapá. (IPHAN, 2022)

³ Manifestação que mistura elementos religiosos e profanos, começando com o hasteamento de dois mastros enfeitados com frutas regionais, no qual homens e mulheres o disputam separadamente, seguido de ritual religioso e danças folclóricas (IPHAN, 2022)

Pensar na língua como uma realidade homogênea e estática, não constitui a essência dessa pesquisa. Ao contrário, o estudo mostrou que as línguas são dinâmicas, sofrem mudanças ao longo do tempo e fornecem recursos que são totalmente adaptáveis ao uso e ao movimento.

2 MULHERES MAZAGANENSES DO CARVÃO: UM BREVE RETRATO SOCIOLINGUÍSTICO

A escolha de mulheres mazaganenses como objeto de estudo se dá em razão do relevante papel social que elas exercem na comunidade rural do Carvão, sobretudo na preservação das manifestações culturais, a partir de conversas informais foi possível conhecer as atividades culturais e profissionais, nas quais elas se envolvem, observando, então, a relevância da atuação delas na dinâmica social.

No contexto das festas tradicionais, são as mulheres as maiores responsáveis pela preservação dos rituais, cantos, ladainhas, rezas e folias, contribuindo, assim, para a perpetuação da tradição cultural. Com atuação majoritária, as participantes das manifestações tradicionais desempenham papéis diversificados, como cozinheira, rezadeira, dançantes, além de conduzirem as rodas de marabaixo e sairé. Na performance do sairé, as mulheres têm lugar de protagonistas, com suas indumentárias, cantos, carisma e alegria que contagia a festa.

Atualmente, os moradores do Carvão o reconhecem como uma comunidade rural, devido à dinâmica social de trabalho ter sido baseada ao longo de muitos anos no cultivo de alimentos, bem como por sua localização geográfica. Nesse âmbito, foi possível observar, de acordo com o relato das moradoras, que as mulheres, ao longo de gerações, assumiram o papel de agricultoras e chefes do lar. Estiveram à frente da comercialização dos alimentos, mesmo quando o percurso até as feiras era de dificuldades, como relata uma informante, essa está identificada com um código, cuja formulação está descrita na metodologia deste artigo:

FFE3II: Ah, quando nós chegamos aqui... isso aqui era um caminho, a gente tinha que ir de pés pra Mazagão Novo [...] aí a gente andava de pés, quando não era, era um caminhão que levava a gente [...] aqui mesmo não entrava carro, a gente tinha que pegá lá na beira da estrada... que vai Mazagão, Mazagão, lá a gente pegava o carro, a gente fazia o produto da gente, tinha que

butá nas costa e pegá la na beira da estrada o carro.

Ainda que as atividades agrícolas tenham se tornado dispersas e a comunidade tenha assumido uma dinâmica de trabalho diversificada, as mulheres permanecem com atuações substanciais. Notamos que parte delas ocupa a profissão de docente nas escolas da comunidade ou assumiram outros cargos no funcionalismo público. Há também as mulheres que são autônomas.

3 PERCURSOS METODOLÓGICOS

3.1 O LOCUS DA PESQUISA

A pesquisa de campo teve como *locus* o Distrito do Carvão, por se tratar de uma comunidade afrodescendente de considerável representatividade cultural, bem como por sua situação sócio-histórica ser constitutiva de uma das principais zonas de dispersão populacional ocorrida no período colonial nas "terras do cabo norte". Essa dispersão veio a conformar muitas comunidades quilombolas, afrodescendentes, rurais, ribeirinhas e indígenas no então estado do Amapá. No âmbito do movimento populacional caracterizado por fugas, deserções e aquilombamentos (OLIVEIRA; VASCONCELOS, 2019, p. 79) deu-se a ocupação do território onde se estabeleceu o Distrito do Carvão, como destacado pela informante:

FFE1IV: [...] alguns escravos fugiram lá do Mazagão Velho... e vieram pra cá, que é a família do Carmo, que foram os primeiros, eles se instalaram no... na Queimada, que é um rio que... que passa lá na foz do Mazagão e aí eles... é... já fugiu uma família e essa família ela foi migrando.

Oliveira (2020, p. 31) ressalta que as comunidades rurais afrodescendentes do estado do Amapá foram produto de sucessivos contatos estabelecidos entre variados grupos sociais como consequência da política pombalina, cujas circunstâncias eram de ampliação do tráfico negreiro, de escravização da mão-de-obra indígena e africana, bem como de intensificação da militarização para defesa das terras ao extremo norte. Fugas e estratégias de sobrevivência ao regime de escravidão implantado engendraram uma forte e intensa dispersão populacional.

Tem-se o cenário de surgimento do corpo social da comunidade rural do Carvão, em grande medida, formado por descendentes de africanos

escravizados, durante os séculos XVII e XVIII, bem como por parte da população transplantada da cidade de Mazagão no Marrocos para a região do Mutuacá, como resultado da referida política de Marquês de Pombal (OLIVEIRA, 2015).

Os colonos foram ocupando esse “vazio”, cujos registros remontam ao século XVII, e esses introduziram, gradualmente, pelo sistema escravocrata, a população africana, cuja participação na formação social e na produção econômica está longe de ser incipiente. (OLIVEIRA, 2015, p. 19).

Corroborando com o que diz Oliveira (op. cit), os informantes da comunidade do Carvão mencionam:

FFE3II: [...] *os nossos primeiros moradores eles são:... os descendentes de:... de negros, né, que vieram do Marroco, aquela... aquela história do Mazagão Velho todinha, então alguns vieram e se refugiaram nessa região aqui.*

3.2 PERCURSOS METODOLÓGICOS

Para estabelecer o primeiro contato com a comunidade e promover aproximação com moradores, seguimos a estratégia metodológica proposta e executada por Oliveira (2015, p. 42), que parte das festividades religiosas, sobretudo as que apresentam manifestação de batuque ou marabaixo, e estabelecemos, como temática central para as conversas e coleta de narrativas, histórias em torno da organização, dinâmica, origem, dentre outros aspectos referentes a essas festividades. Buscamos os organizadores, os participantes, que geralmente são os homens e mulheres mais idosos da comunidade, para iniciarmos as conversas sobre a festa.

Feito o contato inicial durante a realização da festa e, nessa oportunidade, adquirindo certa confiança da comunidade, marcamos para voltarmos a conversar depois da festa, para sabermos mais sobre as tradições e sobre os envolvidos com o evento. Quase sempre são as pessoas mais velhas que nos recebem e que são indicadas para falar sobre as tradições, porque elas se tornam porta-vozes, em razão da memória coletiva de que são depositárias.

Assim, conseguimos as referências e nomes relevantes da comunidade para início da conversa. Esses primeiros contatos indicam outros para participarem da conversa, sendo autoridades no quesito festa e referência social, as indicações feitas por eles raramente se esquivam de participar da pesquisa. Trata-se de uma metodologia que vem sendo testada por Oliveira (2015, p. 42) e

que seguimos como estratégia para levantamento de dados desta pesquisa.

O *corpus* desta pesquisa é constituído de recortes de narrativas de 08 mulheres com faixa etária entre 20 a 40 anos (grupo 1), 41 a 60 anos (grupo 2) e mais de 60 anos (grupo 3), sendo duas com idade superior a 60 anos, três com idades entre 41 a 60 anos e três pertencentes à faixa etária de 20 a 40 anos. É válido destacar que, para a constituição deste estudo, não levamos em consideração os fatores extralinguísticos, restringimos-nos aos fatores linguísticos para descrição da variação de concordância nominal de número no SN. Os registros foram obtidos mediante conversação espontânea, que duraram entre 7 a 15 minutos por entrevista.

Os nossos questionários feitos pela pesquisadora visam provocar a produção de narrativas pessoais das colaboradoras e tiveram como temática os contextos sociais da localidade que envolvem diretamente essas colaboradoras, como exemplo, podemos citar: as manifestações culturais tradicionais, o cotidiano, a relação da comunidade com a agricultura, assuntos relacionados à vida social e aspectos mundanos da comunidade, recorrendo à memória coletiva das mulheres, sobretudo as mais idosas.

Com o objetivo de cumprir as exigências da ética na pesquisa com seres humanos, a fim de resguardar a identidade das informantes, optamos por utilizar codificação, de acordo com os aspectos sociais organizados na seguinte ordem: sexo (feminino), faixa etária (de acordo com os grupos etários: 1, 2 e 3) e escolaridade, representados pelos números romanos I (para mulheres com nenhuma escolaridade), II (mulheres com escolaridade primária), III (mulheres com educação básica completa) e IV (mulheres que concluíram o ensino superior). Para melhor entendimento dos aspectos referentes à codificação, vale observar a tabela abaixo:

Tabela 01: Perfil e distribuição dos informantes

NÚMERO DE INFORMANTES					
Geração (Anos)	Sexo	Nível de Escolaridade			
		Nenhum	Primário	Básico	Superior
FE- 3 (+ 60 anos)	2	-	1	-	-
FE- 2 (41-60 anos)	3	-	2	1	1
FE- 1 (20-40 anos)	3	-	-	2	1

Fonte: Dados da pesquisa.

Posteriormente à gravação das entrevistas passamos à transcrição dos dados, sendo esta orientada pela chave de transcrição do Projeto Vertentes

(LUCCHESI, 2010), seguindo o modelo de transcrição grafemática que nos permite uma boa visualização de qualidade do texto para realização efetiva da análise linguística.

4 ANÁLISE DOS ASPECTOS DA CONCORDÂNCIA NOMINAL: A FLEXÃO DE NÚMERO

Nesta seção apresentaremos a análise dos dados coletados buscando observar a aplicação e não aplicação das normas de Concordância de Número (CN) no SN. Os trechos que compõem as exemplificações apresentadas no decorrer da análise, assim como os demais expressos neste artigo, são dados retirados das narrativas a partir de entrevistas realizadas com as mulheres do distrito do Carvão.

Para a descrição dos dados, consideramos como variável linguística a posição do elemento nominal em relação ao núcleo do SN. Essa variável considera a posição em que o item que receberá a marcação de plural encontra-se em relação ao termo nuclear na sentença (RIBEIRO, 2019, p. 30), ou seja, analisamos a marcação de plural nos vocábulos que precedem e sucedem o núcleo em um SN composto por no mínimo dois itens (determinantes + núcleo), identificamos como primeira, segunda e terceira posição, de acordo como está disposto o SN, exemplo:

FFE1III: **Aquelas criança** sorrindo, te agendecendo, te chamando de professor, né, te... te... te chamando de até de tia, não tem preço, acredito eu, né.

Na sentença em destaque, temos o SN composto por dois itens, um determinante e um núcleo, assim podemos dizer que o vocábulo "aquelas" assume a 1º posição e o item "criança" a 2º posição. No fragmento abaixo, evidenciamos a composição do SN com três itens:

FFE1IV: Temos aqui **três grupo folclóricos**, né, é.. um propriamente de Sairé, dois de batuque e outros que participam mesmo de grupos aleatórios do Mazagão, Mazagão Velho.

Conforme se percebe nessa estrutura sintática, o numeral "três" assume a primeira posição, o núcleo "grupo" a segunda posição e o elemento pós-nuclear "folclóricos" a terceira posição do SN.

É válido ressaltar que as variantes linguísticas aqui estudadas foram

analisadas com vistas à identificação de padrões, por intermédio de variáveis linguísticas, observando a variável dependente binária, no âmbito da flexão de número no SN, estabelecida da seguinte forma: (i) Presença de marca de plural no SN, (ii) Ausência de marca de plural no SN. Nos SNs destacados no fragmento abaixo, observamos marca de plural no determinante e no núcleo, indicando, assim, o fenômeno definido em (i), presença de marcas de plural.

FFE1III-2: Quando **meus irmãos** começaram a ficar mais velhos, eles queriam estudar queriam sair de lá, aí... alguma das **minhas irmãs** já tinham vindo embora, né, pra estudá, aí minha mãe decidiu vim embora, convidou meu pai e ele resistiu muito na... na... na época, mas depois ele resolveu vender o terreno que a gente tinha e vim morar pra cá.

Em contrapartida, ao verificarmos o item a seguir, podemos observar a marca de plural somente no determinante, o que se classifica como ausência de marcas de plural, definido em (ii).

FFE2III: Muitos grupo pra apresentá o Batuque e o Marabaixo. vem de Mazagão Velho, vem do Maracá, vem do Juruxi, vem de Macapá, Campina Grande e vem muitos... **muitos grupo** pra apresentá.

Além dos fenômenos observados acima, destacamos uma ocorrência pouco comum no âmbito da construção do SN, em que não se observa marca de plural no determinante, mas no núcleo, como podemos verificar:

FFE1IV: Porque, aqui o carvão, ele é dividido em três... áreas vamo dizê... é a vila, né, que é aqui onde a gente tá... aí tem o baixo Mutuacá... que pra lá tem **o ribeirinhos**... esses que vivem realmente já mais do açáí, da pesca do camarão, do pescado [...].

No que tange ao desempenho da variável de marcas precedentes, percebemos que do total de 207 ocorrências verificou-se que as falantes da variedade de PB da comunidade rural do Carvão tendem a realizar a marcação plural em elementos nominais posicionados à esquerda imediata do núcleo.

Quadro 1: Efeito da posição do elemento nominal em relação ao núcleo, na marcação de plural dos itens do SN

FATOR	EXEMPLO
Elemento nominal à esquerda do núcleo primeira posição	Tem nossas dificuldade , sim, tem... como é que diz?... as peculiaridade

Fonte: Dados da pesquisa.

Percebemos, então, que em um SN composto por dois itens a marcação plural geralmente está somente no determinante, como no exemplo: *Nossas* (determinante) *dificuldade* (núcleo).

Dessa forma, podemos ponderar que os falantes tendem a indicar a noção de pluralidade apenas através do determinante, não pluralizando todo o sintagma, como propõe a norma padrão. Ribeiro (2019, p. 27) ressalta que esses “não distinguem entre marca formal e marca semântica, visto que consideram a carga semântica dessa classe suficiente para indicar a noção de pluralidade”.

Além disso, percebemos que há favorecimento das marcas de plural em itens posicionados à direita do núcleo, estando em segunda ou em terceira posição.

Quadro 2: Efeito da posição do elemento nominal em relação ao núcleo, na marcação de plural dos itens do SN

FATOR	EXEMPLO
Elemento nominal à direita do núcleo segunda posição	O pessoal ainda vão fazê feira, mas já não são pessoas natas daqui
	Eles são.. são professores esforçados , principalmente na Escola Família
Elemento nominal à direita do núcleo terceira posição	Pode chegar triste ali, mas... mas como tem ali aquelas crianças felizes ... né
	Em seguida a gente vai pro... pra casa da festa pra...fazê... o... os retoque finais

Fonte: Dados da pesquisa.

Em contraposição ao que verificamos quando o item está situado na primeira posição à esquerda antecedendo o núcleo, verificamos que nas ocorrências em que o determinante está na segunda posição, à esquerda do núcleo, as marcas de plural tendem a ser suprimidas, tornando essa uma posição desfavorável à marcação plural.

Quadro 3: Efeito da posição do elemento nominal em relação ao núcleo, na marcação de plural dos itens do SN

FATOR	EXEMPLOS
Elemento nominal posicionado à esquerda do núcleo segunda posição	Os meus filho começaram a tocar, junto com o tio deles

	Os primeiro moradores , claro que eles ficaram... com a maior parte.
--	---

Fonte: Dados da pesquisa.

No que diz respeito ao elemento nuclear observamos que esse favorece a aplicação de marcação plural quando situado em primeira posição, nas ocorrências em que o núcleo antecede vocábulos que o caracterizam tendem a ser pluralizados.

Quadro 4: Efeito da posição do elemento nuclear, na marcação de plural do SN

Núcleo na posição 1:	Núcleo na posição 2:
São professores esforçados , principalmente na Escola Família	Ela funciona uma semana antes com as novena
Se a gente contabilizá assim, por exemplo, moradores nato daqui	Muitos grupo pra apresentá o batuque e o marabaixo

Fonte: Dados da pesquisa.

Por outro lado, se o núcleo sucede o determinante, assumindo a segunda posição no sintagma, há maior propensão para o uso das marcas de plural. Reforçando, assim, a proposição de marca semântica e marca formal, na qual o falante indica a noção de pluralidade através do primeiro item do SN.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise sociolinguística da variação na concordância de número no interior do SN na variedade de português falada por mulheres da comunidade do Carvão, do Município de Mazagão, no Estado do Amapá, revela tendência para a não marcação da concordância nominal de número. Consideramos, a partir das ocorrências documentadas, que os resultados apontam para um desfavorecimento das marcas de plural, principalmente quando o elemento nuclear está situado na segunda posição do SN. Isso nos permitiu verificar que, nas sentenças, o sintagma nominal apresenta maior propensão à marcação de plural no primeiro elemento (SEDRINS; SILVA, 2017, p. 92-93).

O desenvolvimento desta pesquisa nos permitiu, também, apresentar aspectos centrais do contexto sociolinguístico em que a variedade de português brasileiro foi desenvolvida naquela região, assumindo que a comunidade rural do Carvão é, desde o princípio, constituída por um corpo social heterogêneo, tendo em vista a formação social do Estado do Amapá e do próprio Município de

Mazagão que, como vimos no decorrer deste estudo, possui uma sócio-história marcada pela diversidade e hibridismo sociocultural.

Por fim, acreditamos que o estudo aqui apresentado ainda é preliminar e aponta para a necessidade de ampliação da amostra em estudo futuro que contemple a observação de dados de uma perspectiva quantitativa, estendendo também o número de informantes e, assim, nos permitindo levar em consideração os fatores extralinguísticos, que podem condicionar a variação linguística, o que só é possível com estudo quantitativo e análise estatística dos dados.

Ressaltamos que o interesse em observar o comportamento linguístico das mulheres daquela comunidade deve-se ao protagonismo exercido por elas nos vários aspectos da vida no Carvão, seja econômico, cultural, religioso, educacional, enfim, pela representatividade desse grupo social na dinâmica da vida local.

REFERÊNCIAS

ANTONINO, Vivian. O português popular do interior da Bahia: um estudo da concordância nominal de número e de gênero. **Cuadernos de La Alfal**, n. 7, p. 53-67, março, 2015.

BORTONI-RICARDO. **Educação em língua materna: a sociolinguística na sala de aula**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.

CAMPOS, Ednalvo. **A sintaxe pronominal na variedade afro-indígena de Jurussaca**: uma contribuição para o quadro da pronominalização do português falado no Brasil. 198f. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2014.

LABOV, William. **Padrões sociolinguísticos**. Trad. Marcos Bagno, Maria Mata Pereira Scherre, Caroline Rodrigues Cardoso. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

LUCCHESI, Dante. **Chave de transcrição**. Projeto Vertentes, p. 1-9, 2010.

MARABAIXO. **IPHAN**. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em 04 de abril de 2022.

OLIVEIRA, Edna dos Santos. Para uma sócio-história da poesia oral de Mazagão Velho. In: RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte (Orgs.). **Linguística na Amazônia**: descrição, diversidade e ensino. Rio Branco: Nepan, 2020, p. 31-48.

OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves. Dispersão e

concentração: a constituição de áreas etnolinguísticas no Amapá. In: OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte. (Orgs.). **Estudos linguísticos na Amazônia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 79-92.

OLIVEIRA, Edna. Devoção, tambor e canto: um estudo etnolinguístico da tradição oral de Mazagão Velho. 264f. **Tese de Doutorado**. Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

OLIVEIRA, Márcia Santos Duarte; CAMPOS, Edinalvo Apóstolo; CECIM, Jair Francisco; LOPES, Francisco João; SILVA, Raquel Azevedo. O português afro-indígena e a comunidade de Jurussaca. In: ORNELAS DE AVELAR, Juanito; LÓPEZ, Laura Álvares. (Orgs.). **Dinâmicas Afro-Latinas-Língua(s) e Histórias(s)**. Berlin: Peter Lang, 2015, v. 1, p. 149-178.

RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha. O português brasileiro falado por franceses em Oiapoque: considerações sobre a concordância nominal de número. In: OLIVEIRA, Edna dos Santos; VASCONCELOS, Eduardo Alves; SANCHES, Romário Duarte (Orgs.). **Estudos linguísticos na Amazônia**. Campinas, SP: Pontes Editores, 2019, p. 17-35.

SAIRÉ. Disponível em: <http://portal.iphan.gov.br/> Acesso em 04 de abril de 2022.

SANCHES, Romário Duarte. A pesquisa linguística no Amapá: um breve levantamento bibliográfico. In: RIBEIRO, Celeste Maria da Rocha; SANCHES, Romário Duarte (Orgs.). **Linguística na Amazônia**: descrição, diversidade e ensino. Rio Branco: Nepan, 2020, p. 11-30.

SEDRINS, Adeilson Pinheiro; SILVA, Cláudia Roberta Tavares. Padrões de concordância de gênero e número no sintagma nominal em variedade africanas do português. **Revista Leitura**, Maceió, v. 2, n. 59, p. 85-105, jul/dez, 2017.

TARALLO, Fernando. **A pesquisa sociolinguística**. Editora Ática, 2003.

VIDAL, Laurent. **Mazagão, a cidade que atravessou o Atlântico**: do Marrocos à Amazônia (1769-1783). Trad. Marcos Marcionilo. São Paulo: Martins, 2008.

Sobre as autoras

Amanda Montserrat Herrera de Souza

Graduação em Licenciatura em Letras com habilitação em Língua Inglesa pela Universidade do Estado do Amapá – UEAP.

Contato: herreraamanda0@gmail.com

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-4696-2953>

Edna dos Santos Oliveira

Doutora em Letras (Linguística) pela Universidade de São Paulo – USP.

Contato: edna.oliveira@ueap.edu.br

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-6300-6926>

Artigo recebido em: 04 de março de 2022.

Artigo aceito em: 30 de abril de 2022.